

A impossibilidade de ações amorais na ética de Kant

Fernando Esteves de Oliveira
U.F.R.G.S
Orientador: Gerson Lousado
Junho de 2011

Minha Pesquisa tem como objetivo analisar as consequências de se entender a máxima como um princípio “subjetivamente objetivo” (universal e necessário no domínio das minhas ações, ou seja, quando quero uma máxima a quero valendo pra mim em toda e qualquer ação futura) juntamente com a definição de “querer” em termos do princípio de incorporação apresentada na obra “A religião nos limites da simples razão”, a saber, que “*a liberdade do poder de escolha tem a característica, inteiramente peculiar a ele, de não poder ser determinada para agir por nada outro que o ser humano o incorporando em sua máxima (o transformou em uma lei universal para ele mesmo, de acordo com o modo que ele quer se conduzir)*”. Explorarei também o fato de que se o “querer” se comporta dessa forma para a ação, deve, em princípio, se comportar de forma idêntica quando se trata de máximas, posto que estas também são quistas pelo agente.

Esta apresentação contemplará, mais precisamente, uma apresentação geral da Fundamentação quando entendida com os conceitos não ortodoxos de máxima e querer, bem como defender que a ética de Kant permanece plausível mesmo sem a possibilidade de ações amorais, uma vez que os dois conceitos apresentados quando analisados em conjunto implicam a impossibilidade de uma ação não possuir validade moral, isso é, não ser nem moral nem imoral.